Rural Semanal

Informativo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

ANO XXIII - n° 15 - 2 a 8 de outubro de 2016

UFRRJ

Entrevista: Christian Dutilleux

Professor belga-brasileiro e coordenador do Francês sem Fronteiras da UFRRJ deseja estabelecer ensino do idioma na Universidade **P.3**

Pesquisa

Aluno e docente de Jornalismo da UFRRJ conduzem pesquisa inédita sobre Transficcionalidade **P.4**

Ruralinos nos Jogos Rio 2016

Professores e alunos da UFRRJ deixaram sua contribuição nas Olimpíadas e Paralimpíadas Rio 2016 **P.5**

Editorial

Em busca dos significados da **mudança**

Na reunião da Plenária da Associação dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), realizada em Brasília no dia 28/09, a presença da atual Secretária Executiva e do Secretário de Educação Básica do MEC, Maria Helena Guimarães de Castro e Rossieli Soares, serviu para a apresentação das linhas mestras da Medida Provisória nº 746, de 22/09/2016, que vem ganhando destaque na mídia. Ela institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral e altera a Lei nº 9.394, de 20/12/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 11.494, de 20/06/2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação.

Ao receber 568 emendas de deputados e senadores, o texto passa a ser discutido, em 4 de outubro de 2016, em audiência pública na Câmara dos Deputados. Um tema recorrente nas emendas dos parlamentares é a retomada da obrigatoriedade das disciplinas de Educação Física, Artes, Filosofia e Sociologia nos currículos do ensino médio. Uma das emendas propõe que 70% dos currículos do ensino médio sejam compostos por disciplinas obrigatórias e 30% por matérias optativas, enquanto a MP prevê que 50% do currículo seja determinado pelos sistemas de ensino e a outra metade pela Base Nacional Comum. A possibilidade de contratação de professores para a educação técnica sem diploma de licenciatura, mas que apresentem "notório saber" na área, também é alvo de pedidos de mudança, havendo até uma emenda que propõe a revogação integral da MP.

Como uma instituição que forma professores para todas as disciplinas do ensino médio, a UFRRJ tem o dever de aprofundar essa discussão, notadamente para entender o por quê da descontinuidade da tramitação do Projeto de Lei 6.840, elaborado pela Comissão Especial destinada a promover estudos e proposições para a Reformulação do Ensino Médio, cuja discussão foi iniciada em 2013. Como preocupação adicional é preciso ter clareza sobre o significado das observações feitas pela vice-presidência dessa Comissão: "90% do que está colocado na MP vêm do debate inicial da Comissão e do debate mais aprofundado com o Conselho de Secretarias Estaduais de Educação (Consed). Mas, é lógico que, por exemplo, a parte financeira, a gente não tinha discutido; e a possibilidade de financiamento e de criação de programas de incentivo, o Executivo é que tem essa prerrogativa".

Opinião

Liberdade e **Justiça**

Antonio Carlos Comodaro, estudante do 3º período de História da UFRRJ

Imagem: Eugène Delacroix

Por vezes, aparecem na mídia ou em nosso convívio pessoal atos que nos deixam transtornados. Podem nos levar a pensar que o autor não pertence à mesma espécie. Fatos que nos deixam intimamente indignados. Isso é bom. Demonstrar-se indignado é, sem dúvida, uma prova verdadeira de que ainda existe esperança. Reafirma a presença real, por mais distante e sutil, de valores básicos à coexistência entre indivíduos civilizados. A indignação nos atribui a habilidade de modificar nossos caminhos, atuando sobre os indivíduos e sobre a coletividade social na qual estamos inseridos.

Entretanto, se faz necessário ressalvar que a completa manifestação desta habilidade só surgirá se forem observadas duas premissas importantes: a liberdade e a justiça. Se estiver correto este raciocínio, o detrimento gradual de nossa habilidade de ficarmos indignados retrata, indubitavelmente, o hediondo desvirtuamento do conceito de liberdade, espalhando a sensação de impunidade. A distância que nos separa da liberdade tem a mesma proporcionalidade da inconsistência e ineficiência da justiça nos dias atuais.

No Ocidente, desde Sócrates até Locke, Voltaire, Rousseau, Montesquieu e outros adeptos do Iluminismo no século XVIII, a liberdade transmutou-se em uma ideologia ardilosa, deturpada de forma premeditada e cada vez mais ligada a falsas doutrinas. No século XIX, com o advento da Revolução Industrial e a expansão do Liberalismo Econômico, as constantes distorções de seu real conceito a transformou em algo quase que abstrato e inatingível.

Em meados do último século, a liberdade, assim como outros diversos valores, transformou-se em um falso objeto dogmático incontestável e primordial, porém, para poucos afortunados, período no qual a liberdade se tornou pretexto para grandes guerras sangrentas, frias e tecnológicas. Para que possamos atingir a liberdade, conhecer a justiça em toda sua plenitude e chegarmos à ordem, é necessário que descondicionemos o conceito de liberdade e possamos, de fato, entender a concepção plena da "liberdade humana", que só irá acontecer sob o estado irrestrito da ordem e da lei.

Se liberdade está intimamente relacionada à natureza humana, a ordem também está. O Estado é o resultado da deliberação coletiva da sociedade, expresso no seu ordenamento jurídico, o qual deve ser seu principal instrumento. A sociedade só desfrutará da absoluta justiça quando todos os seus cidadãos tiverem a garantia do seu direito de exprimir a sua humanidade em seu mais amplo sentido. Essa garantia deve ser assegurada pela norma jurídica e defendida pelo Estado.

Assim, temos o dever cívico e a obrigação pessoal de nos indignarmos com a bagunça generalizada que se estabeleceu numa vastidão de conceitos viciados por liberais e socialistas, modificando o ordenamento jurídico quando este não mais for capaz de proteger a sociedade das artimanhas de todos os gêneros e conotações fundamentalistas, populistas e sensacionalistas. Ao mesmo modo que devemos proteger este ordenamento contra radicais que pretendam cercear esta liberdade, usurpando-a aos seus interesses. Só então caminharemos ao oposto da realidade sombria que hoje paira sobre nossa sorte. ■

Foto: Nathália Barros

Iniciativa. Professor do DLC defende ensino da língua francesa na Rural.

Novos caminhos

Professor belga-brasileiro e coordenador do Francês sem Fronteiras da UFRRJ deseja estabelecer o ensino do idioma na Universidade

Bruna Somma

Há 30 anos no Brasil, Christian Dutilleux tem uma história recheada de carimbos no passaporte até chegar à Rural. Ele nasceu na Bélgica, estudou Jornalismo e Psicologia na Universidade de Louvain e fez pós-graduação em Relações Internacionais. Começou a trabalhar como jornalista para uma revista francesa e logo foi convidado para ser correspondente no Brasil, onde trabalhou dois meses em Salvador e depois veio para o Rio de Janeiro. Ao todo, o belga já produziu 150 reportagens e viajou cerca de 30 vezes para outros países da América Latina, onde cobria os acontecimentos para os países de língua francófona.

Em 2006, no entanto, ele resolveu mudar de perspectiva e decidiu voltar para a vida acadêmica. Passou a estudar a narrativa do contemporâneo, de forma mais teórica e aprofundada, cursando doutorado na PUC-Rio e pós-doutorado na USP. No ano de 2013, passou no concurso para ser professor substituto na Rural e, no ano seguinte, foi efetivado como docente adjunto do Departamento de Letras e Comunicação (DLC) da UFRRJ.

Engajado no ensino da língua francesa na UFRRJ, em 2015, foi convidado para participar da Coordenadoria de Relações Internacionais (Corin) como coordenador do Francês sem Fronteiras. Atualmente, desenvolve projetos para o ensino da língua na Universidade e foi um dos responsáveis por trazer o curso de francês que se iniciou no início de setembro com um professor nativo. O curso faz parte do programa do MEC Idiomas sem Fronteiras (Isf) e conta com um docente que chegou aqui através do projeto Leitores Franceses no Brasil.

Como surgiu a ideia de criação de um curso de francês na UFRRJ lecionado por um professor nativo?

Christian Dutilleux – Através da Embaixada da França surgiu o programa dos Leitores Franceses no Brasil, que são pessoas treinadas para serem professores de francês para estrangeiros. Houve um edital, que foi lançado pelo MEC em parceria com a Embaixada, no qual as universidades e institutos federais foram convidados a participar do programa. A Rural se inscreveu e foi uma das selecionadas. Em agosto, chegaram 27 leitores ao Brasil, basicamente um por estado. O selecionado para vir à UFRRJ foi o Paul Boumalha.

Como funciona o programa dos Leitores Franceses no Brasil?

C.D. – O programa funciona da seguinte maneira: o professor fica aqui nove meses, de setembro a maio, o que configura um período letivo na Europa. O docente tem que dar 12 horas/aula por semana e realizar algumas atividades culturais. Esse é um programa piloto, no qual os professores mantêm contato entre si para implementar uma nova metodologia de ensino de francês no Brasil. Isso vai se desenvolver para chegar em um ponto de produzir programas contínuos, de proficiência na língua francesa.

A procura pelo curso de francês foi grande. Porque a Corin optou pelo sorteio das vagas?

C.D. – Optamos pelo sorteio por ser o meio de seleção mais democrático. Na graduação temos duas turmas de 35 alunos, com vagas destinados a bolsistas, estudantes de Letras e também para os alunos em geral. Por outro lado, também tínhamos a demanda dos alunos de mestrado e doutorado que desejam ir para países francófonos e precisam demonstrar certa competência na língua. Por isso, também fizemos a proposta de um curso para a pós com a oferta de 35 vagas. No total, foram 640 candidatos ao sorteio no início de setembro, entre graduação e pós-graduação.

Quais são suas perspectivas para o ensino do francês na Rural?

C.D. – Meu plano não é só contar com esses leitores de fora do país, como também formar professores de francês aqui na Rural. Temos que estimular dentro do departamento de Letras a necessidade desse cargo. Temos licenciatura em inglês, espanhol (no Instituto Multidisciplinar), mas não temos o francês. Ela é a segunda língua acadêmica no Brasil, perdendo apenas para o inglês. Tem o maior número de brasileiros que vão para universidades francófonas, maior numero de artigos publicados por brasileiros em língua francesa e maior fluxo de intercâmbio. A partir do momento que tivermos uma base sólida de cargos aqui, vamos poder fazer eventos culturais e cursos de verão para atender às demandas da pós-graduação e dos estudantes que se preparam para fazer a mobilidade acadêmica.

Conexão. Caíque Pereira, aluno de Jornalismo, e Simone Orlando, professora do curso do curso de Jornalismo da UFRRJ.

> “A transficcionalidade é um conceito que vem dos estudos de estética literária. A área da literatura já adotou essa percepção sobre o funcionamento do processo narrativo.”
> Simone Orlando, professora do Departamento de Letras e Comunicação (DLC)

Foto: Beatriz Rodrigues

Realidade ou ficção?

Aluno de Jornalismo tem pesquisa inédita no campo da Transficcionalidade

Beatriz Rodrigues

Fantasia, reinos encantados, aventuras e mistérios. Desde pequenos, aprendemos várias histórias infantis. Quem não se lembra de Cinderela e Branca de Neve? Agora vamos imaginar vários destes contos de fada em um mesmo ambiente, com histórias interligadas e muito mais aventuras. Um turbilhão de possibilidades para a narrativa, deixando a imaginação correr solta. Esse recurso narrativo é chamado de Transficcionalidade e seu uso pelo mercado cinematográfico vem aumentando a cada dia. O campo de estudo da Comunicação, atento às formas de narrar, começa a se interessar por essa forma inovadora de contar histórias para entender melhor como ela funciona.

Foi com esse intuito que o estudante Caíque Pereira, do 6º período do curso de Jornalismo da UFRRJ, e Simone Orlando, professora de Jornalismo do Departamento de Letras e Comunicação (DLC) da UFRRJ, começaram uma pesquisa mais aprofundada sobre o meio transficcional. Ela reúne a vontade de Caíque em fazer sua pesquisa monográfica acerca desses recursos – muitos utilizados na série de TV “Once Upon a Time” -, e da professora em criar um material de pesquisa na área da narrativa transmídia, já que não é um tema muito discutido no Brasil.

— No começo, nós pensamos em estudar a série sob uma perspectiva de narrativa transmídia, que são narrativas que se complementam obrigatoriamente em meios diferentes, em suportes diferentes. Até que chegamos à conclusão que não era bem isso. Era a transficcionalidade, essa ampliação narrativa dentro de um universo que já existe — explicou Caíque.

O recurso narrativo observado pelo estudante escolhe uma história já conhecida e atribui a ela novas possibilidades como, por exemplo, uma paródia ou adaptação. Essas histórias, geralmente, partem de uma memória oral. Com isso, para compreender o fenômeno, é necessário que se tenha uma ideia de realidade. Por esse motivo, a série Once Upon a Time foi escolhida, já que tem uma organização narrativa que mistura várias estratégias transficcionais.

— A transficcionalidade é um conceito que vem dos estudos de estética literária. A área da literatura já adotou essa percepção sobre o funcionamento do processo narrativo. Eu acredito que, dentro do meio da comunicação, o estudo da narrativa veio trazer novos horizontes — explicou a professora.

Segundo o estudante, uma das experiências mais enriquecedoras nesse processo foi o aprofundamento da temática. Até então, a pesquisa se tratava de uma discussão mais abrangente sobre o fenômeno. Com o tempo, ao lerem mais artigos sobre a transficção, entenderam que, na verdade, o estudo em questão era mais específico. Chegaram a um ponto de estudo não muito visado no país e que, ao mesmo tempo, levaria a um trabalho com material novo para a problematização desse lado transmídia no Brasil.

Novas metas

Além da ideia de tornar essa pesquisa sua monografia do curso, o aluno teve seu artigo “Os contos de fada na ficção seriada ‘Once Upon a Time: o uso da transficcionalidade em perspectiva mnemônica” publicado na Revista Observatório da Universidade Federal do Tocantins.

Neste ano, a Rural esteve presente no XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), que foi realizado entre os dias 5 e 9 de setembro, na USP, como parte das comemorações pelos 50 anos da criação da Escola de Comunicações e Artes. Caíque Pereira apresentou o artigo “O uso da transficcionalidade como recurso de ampliação narrativa - um olhar sobre a ficção seriada Once Upon a Time” para discutir seus estudos com outros alunos da área da Comunicação de todo o país. Para acessar os artigos, visite:
https://goo.gl/39oPHY
https://goo.gl/VqK6WI

Rural nos Jogos Rio 2016

Professores e alunos da UFRRJ deixaram sua contribuição nas Olimpíadas e Paralimpíadas Rio 2016

Satisfação. Atletas da bocha paralímpica.

Foto: Arquivo pessoal - Marcia Campeão

> “Foi fascinante trabalhar em um evento como esse. Uma das maiores oportunidades de aprendizado profissional e pessoal que já tive.”
> Profa. Marcia Campeão

Thais Melo

As Olimpíadas e Paralimpíadas do Rio 2016 foram um sucesso. Milhares de pessoas trabalharam em ambos os eventos; entre elas, alguns ruralinos como o ex-aluno João Brandão, formado em 2008. Atualmente ele é professor de Educação Física, especialista em Políticas Públicas e Projetos Socioculturais, e faz parte da comissão técnica da Seleção Brasileira de Polo Aquático desde 2014. Seu envolvimento com o esporte se deu através do irmão.

- Meu irmão Olavo jogava polo no Clube de Regatas Guanabara, e eu tinha de ficar aguardando-o terminar o treino para me levar para casa. Em um desses dias de espera, o treinador da escolinha me chamou e perguntou por que eu não fazia polo enquanto esperava. Iniciei no treino e tomei gosto pelo esporte. Joguei até ingressar na faculdade, pois a distância inviabilizou a continuidade.

Nas Olimpíadas Rio 2016, João ficou responsável pela vídeoanálise dos adversários e da própria Seleção. Ele explica em que consiste esse trabalho:

- Gravar todos os jogos de adversários e da Seleção, fazer a análise de sistemas de jogo e jogadas, apontando para o treinador principal como atuam as demais seleções no mundo e avaliar possibilidades de como podemos vencer nossos adversários. Além de analisar nossa própria Seleção e fazer a correção de nossos sistemas e dar feedback aos nossos jogadores através de imagens das movimentações de nosso jogo.

A Rural também estava representada nas Paralimpíadas, pois a professora do curso de Educação Física Márcia Campeão foi técnica da bocha paralímpica. O esporte é uma modalidade adaptada para atender pessoas que apresentam o maior grau de comprometimento motor dentre todas as modalidades paralímpicas. Ou seja, para aquelas que não conseguem participar de nenhum outro esporte.

A professora conheceu o esporte através de uma demonstração que uma equipe vinda de Portugal fez aqui no Brasil. Na época, a bocha já era bastante conhecida na Europa. Trabalhar nos Jogos Paralímpicos foi uma decorrência natural do trabalho que ela desenvolve desde 1995. Em 1996, já era técnica da modalidade e, desde 2011, faz parte da coordenação técnica da Seleção Brasileira de Bocha. Márcia participa de todas as competições nacionais e internacionais para ajudar os atletas a alcançarem o ranking exigido para participação no maior evento esportivo do planeta. Segundo a docente, participar de um evento de grandeza mundial é, no mínimo, um privilégio e um reconhecimento de toda dedicação e empenho a este trabalho.

- Foi fascinante trabalhar em um evento como esse. Uma das maiores oportunidades de aprendizado profissional e pessoal que já tive.

Márcia ressalta que as maiores dificuldades foram a dedicação quase que exclusiva à equipe e a distância da família. Com relação aos pontos positivos, é enfática:

- Essa experiência me deu a consciência de que tenho muito o que aprender com as pessoas com deficiência e que devo dividir essa vivência com todos os meus alunos, em prol do desenvolvimento e da democratização do esporte em nosso país.

A docente já trabalhou em vários Mundiais, Parapanamericanos, Parasulamericano, Copa do Mundo e em duas Paralimpíadas. A respeito de trabalhar com pessoas que têm necessidades específicas, Márcia Campeão disse:

- Para mim, são pessoas, alunos e atletas. Não consigo sequer lembrar que apresentam alguma deficiência. O foco deixa de ser a deficiência.

Além deles, outros ruralinos estiveram nas Olímpiadas, mas como voluntários. Foi o caso do estudante de Relações Internacionais Marcello Padilha, que confessou a euforia em poder ser voluntário nos Jogos Olímpicos. Ele atuou como boleiro (gandula) nas partidas de tênis na Arena da Barra. O que, a princípio, pareceu um pouco maçante para o jovem, com o tempo, foi o que lhe permitiu assistir aos treinos de grandes nomes do tênis, como o atual campeão da medalha de ouro, Andy Murray e a gigante Serena Williams. O estudante ressalta como grande lição a valorização do povo brasileiro na execução dos Jogos.

- Em um evento regrado a normas europeias, nós fizemos um evento com a nossa impressão digital. Já estou sonhando com Tóquio 2020 - destaca o estudante.

Perguntados se gostariam de repetir a experiência, todos não hesitaram ao dizer que sim.

Prêmio Johanna Döbereiner 2016

Foram contemplados com o **Prêmio Johanna Döbereiner 2016** o engenheiro agrônomo e professor emérito da UFRRJ, atualmente docente do CPGA-CS/UFRRJ, Manlio Silvestre Fernandes, e a Fazendinha Agroecológica Km 47.

O Prêmio Johanna Döbereiner é promovido pelo Crea-RJ, por intermédio de sua Câmara Especializada de Agronomia, com o objetivo de laurear os profissionais da Agronomia pelo Dia Nacional do Engenheiro Agrônomo, comemorado no dia 12 de outubro.

Concedido anualmente, o prêmio expressa o reconhecimento às personalidades ou instituições e entidades que tenham se destacado por suas posições, ações, trabalhos, estudos e projetos na área da Agronomia. O prêmio é uma homenagem à cientista Johanna Döbereiner, pesquisadora da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), que fez de sua vida um constante desafio em favor da produção e distribuição de alimentos, do desenvolvimento de uma agricultura sustentável e do equilíbrio do meio ambiente. Falecida em 5 de outubro de 2000, aos 75 anos, no município de Seropédica (RJ), ela foi a primeira brasileira indicada para o Prêmio Nobel de Química, em 1996.

Manlio Silvestre Fernandes foi admitido na UFRRJ em 1974, como professor adjunto no Departamento de Solos. Exerceu o cargo de chefe do Departamento de Solos, foi vice- diretor do Instituto de Agronomia, decano de Pesquisa e Pós-graduação, diretor do Instituto de Agronomia e Reitor da UFRRJ no período de 1993 a 1997. Aposentou-se em 2009. Hoje é professor emérito da UFRRJ e atua como docente do CPGA-CS/ UFRRJ. Manlio atuou e atua intensamente nas linhas de pesquisa de Eficiência do Uso de Nitrogênio em Arroz e Metabolismo de Nitrogênio em Plantas.

Implantado em 1993, o Sistema Integrado de Produção Agroecológica (SIPA), mais conhecido como **Fazendinha Agroecológica Km 47**, ocupa uma área de aproximadamente 70 hectares, próxima à sede da Embrapa Agrobiologia, em Seropédica/RJ. É uma iniciativa conjunta da Embrapa Agrobiologia, da Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro (Pesagro-Rio) e da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

A cerimônia de premiação acontece dia 11 de outubro, às 16h, no Salão Azul, P1, Câmpus Seropédica. Saiba mais sobre o Prêmio em **https://www.crea-rj.org.br/premio-johanna/**

Lançamento de livros da Edur 2016

A **Edur**, editora da UFRRJ, e os autores convidam a comunidade acadêmica para a cerimônia de Lançamento de Livros da Edur 2016, no dia 19 de outubro, às 15h, no Auditório Hilton Sales, sala 82, Pavilhão Central, câmpus Seropédica.

Nai-Rural realiza pesquisa

Com o objetivo de construir uma política inclusiva e de acessibilidade em nossa Universidade, o **Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da Rural (Nai-UFRRJ)** convida a todos os discentes com necessidades educativas especiais a participarem de uma pesquisa respondendo a um questionário. Esse levantamento tem por objetivo identificar os estudantes com necessidades educativas especiais, a fim de buscar ações junto aos órgãos institucionais, para garantir o direito do discente ao Ensino Superior com qualidade.

O Núcleo de Acessibilidade pede para que os professores e coordenadores de curso incentivem seus alunos a participarem da pesquisa. Os discentes têm até o dia 06 de novembro para responderem o questionário.

Para acessar o documento, visite https://goo.gl/GXOlGd

#ruralnafoto

O tema da última semana foi "Flores e cores". A foto escolhida foi tirada por *@mari.rpo: "Por onde for, floresça #nature #horse #mangalarga #ruralnafoto"* Além de a fotografia sair aqui no **Rural Semanal**, também a colocaremos na página oficial da UFRRJ no Facebook (*facebook.com/universidadefederalrural*). O tema da próxima semana será "**Rural Pesquisa**".

Rural Semanal

Reitora: Ana Maria Dantas Soares | **Vice-Reitor:** Eduardo Mendes Callado | **Pró-Reitor de Assuntos Administrativos:** Pedro Paulo de Oliveira Silva | **Pró-Reitora de Assuntos Financeiros:** Nidia Majerowicz | **Pró-Reitor de Assuntos Estudantis:** Cesar Augusto da Ros | **Pró-Reitora de Ensino de Graduação:** Ligia Machado | **Pró-Reitora de Extensão:** Katherina Coumendouros | **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação:** Roberto Carlos Costa Lelis | **Pró-Reitor de Planejamento, Avaliação e Desenvolvimento Institucional:** Valdomiro Neves Lima || **COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL | Coordenadora de Comunicação Social:** Fernanda Barbosa | **Jornalistas:** Aline Avellar, João Henrique Oliveira e Ricardo Portugal | **Secretário:** Daniel Dias | **Estagiários:** Beatriz Rodrigues, Bruna Somma, Nathália Barros, Rômulo Norback e Thaís Melo | **Imagem da capa:** Arquivo Pessoal | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Patricia Perez | **Imagens:** Freepick e FreeImages || **Redação: BR 465, Km 47. UFRRJ, Pavilhão Central, sala 131. Seropédica, RJ. | CEP: 23897-000 | Tel: (21) 2682-2915 | E-mail: comunicacao@ufrrj.br | Portal: www.ufrrj.br | Impressão: Imprensa Universitária | Tiragem desta edição:** 1000 exemplares

UFRRJ